

7. O Diagnóstico de Paulo: Você é Espiritual ou Carnal? (1 Coríntios 2:13-3:4)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 13/11/2025 19:58

1. Introdução: O Verdadeiro Problema por Trás das Divisões em Corinto

A igreja de Corinto, uma das comunidades mais vibrantes e, ao mesmo tempo, problemáticas do Novo Testamento, enfrentava uma crise que ameaçava sua unidade: a formação de facções em torno de líderes proeminentes como Paulo, Apolo e Pedro. Nos primeiros capítulos de sua carta, o apóstolo Paulo metodicamente desconstrói a mentalidade que alimentava essas divisões. Ele contrapõe a "sabedoria humana", que valoriza a eloquência e o status, com a "sabedoria de Deus", manifestada na aparente loucura da cruz de Cristo.

Paulo argumenta que a mensagem do evangelho e a própria composição da igreja – formada em sua maioria por pessoas que o mundo desprezava – eliminam qualquer base para o orgulho humano. Após estabelecer que a verdadeira sabedoria só pode ser discernida espiritualmente, ele finalmente chega ao cerne do problema. O diagnóstico de Paulo é direto e contundente: a causa raiz das contendas não era apenas uma diferença de opinião, mas uma condição espiritual que ele denomina "carnalidade". É essa imaturidade que impedia a igreja de compreender as profundas implicações da cruz e de viver em harmonia.

2. A Mensagem Espiritual e seu Método Divino

Após afirmar que o Espírito Santo revela as profundezas de Deus, Paulo estende esse princípio à própria pregação apostólica. A comunicação do evangelho não era apenas sobre *o que* era dito, mas também sobre *como* era dito. Ele explica em 1 Coríntios 2:13:

"Disso também falamos, não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito, conferindo coisas espirituais com espirituais."

Nesta declaração, Paulo estabelece uma distinção crucial. A mensagem da cruz, sendo de origem divina, não pode ser adequadamente transmitida por meio das ferramentas da sabedoria humana. Retórica, filosofia e erudição, tão valorizadas na cultura greco-romana, eram insuficientes e até mesmo inadequadas para comunicar um mistério divino. Nem todo método de comunicação se presta à transmissão do evangelho. A fonte da mensagem, o Espírito Santo, é também a fonte do método. São "palavras ensinadas pelo Espírito", indicando que a argumentação, a lógica e a própria linguagem para proclamar a Cristo são capacitadas por Deus.

A frase final do versículo, "conferindo coisas espirituais com espirituais", tem sido objeto de várias interpretações. Embora possa significar comparar diferentes verdades espirituais, a tradução que melhor se alinha ao contexto do argumento de Paulo é "explicando coisas espirituais para pessoas espirituais". Essa leitura é consistente com o que ele já havia afirmado em 1 Coríntios 2:6, que transmitia sabedoria "entre os que são maduros". A mensagem espiritual, portanto, destina-se a um público espiritualmente preparado para recebê-la, criando um contraste direto com a incapacidade de compreensão daqueles que não possuem o Espírito.

3. A Incompreensão da Pessoa Natural: Por Que o Evangelho Parece Loucura

Em nítido contraste com a receptividade da pessoa espiritual, Paulo descreve a reação daquele que

não possui o Espírito de Deus. Ele o denomina "pessoa natural", referindo-se ao ser humano em seu estado original, não regenerado, guiado unicamente por sua natureza e intelecto. Diante da pregação espiritual, sua postura é de total incompatibilidade.

"Ora, a pessoa natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente." (1 Coríntios 2:14)

Paulo apresenta duas razões fundamentais para essa rejeição. A primeira é que, para a mente natural, as verdades do evangelho **"Ihe são loucura"**. A ideia de um Deus que exige a morte de Seu próprio Filho para perdoar pecadores, a afirmação de que a salvação não pode ser conquistada por mérito pessoal, e a centralidade de um carpinteiro da Nazaré como o único caminho para Deus são conceitos que desafiam a lógica e o orgulho humanos. A cruz, que para o crente é a suprema sabedoria de Deus, parece um absurdo para quem avalia o mundo por seus próprios padrões.

A segunda razão é ainda mais profunda: a pessoa natural **"não pode entendê-las"**. A barreira aqui não é de inteligência, mas de capacidade espiritual. Um indivíduo pode compreender intelectualmente as proposições do evangelho — que Cristo morreu, foi sepultado e ressuscitou —, mas sem a ação do Espírito Santo, ele é incapaz de discernir sua verdade, relevância e poder. A verdade espiritual simplesmente não "clica" ou se conecta em sua mente, pois, como afirma o apóstolo, "elas se discernem espiritualmente".

O renomado teólogo Rudolf Bultmann é um exemplo marcante dessa realidade. Um dos mais brilhantes críticos do Novo Testamento, Bultmann possuía um conhecimento exaustivo dos textos bíblicos. Em seu comentário sobre o Evangelho de João, ele conseguia expor com genialidade o que o autor acreditava sobre a ressurreição de Cristo. Contudo, o próprio Bultmann não aceitava a ressurreição como um fato literal. Ele tinha todo o conhecimento erudito, mas não a aceitação espiritual da verdade. Isso ilustra perfeitamente que a erudição, por si só, não pode transpor o abismo que separa a mente natural da revelação divina.

4. O Discernimento da Pessoa Espiritual: Tendo a Mente de Cristo

Em contrapartida à cegueira da pessoa natural, Paulo apresenta a capacidade daquele que é habitado pelo Espírito Santo. A pessoa espiritual não apenas aceita as coisas de Deus, mas possui uma capacidade de discernimento que o mundo não compreende.

"Porém a pessoa espiritual julga todas as coisas, mas ela não é julgada por ninguém." (1 Coríntios 2:15)

O termo "julgar" aqui não se refere a uma atitude de condenação, mas à habilidade de avaliar, analisar e compreender as verdades reveladas por Deus. Enquanto a pessoa natural é incapaz de entender o evangelho, a pessoa espiritual, capacitada pelo Espírito, consegue discernir seu valor, sua lógica e suas implicações para a vida. Consequentemente, o mundo ("ninguém") não pode compreender ou "julgar" corretamente as motivações, valores e a cosmovisão do cristão, pois lhe falta o referencial espiritual para fazê-lo. É por isso que a fé e o estilo de vida de um crente genuíno frequentemente parecem estranhos ou ilógicos para o observador externo.

A base para essa capacidade de discernimento é uma das declarações mais profundas da teologia paulina. Paulo recorre a uma pergunta retórica do profeta Isaías para ilustrar a inacessibilidade da mente de Deus:

"Pois quem conheceu a mente do Senhor, para que o possa instruir?" (1 Coríntios 2:16a, citando

Isaías 40:13)

A resposta implícita é: ninguém. Nenhum ser humano pode, por si mesmo, sondar os pensamentos de Deus a ponto de Lhe dar conselhos. Essa é a condição da humanidade natural. Contudo, Paulo conclui com uma afirmação revolucionária para os crentes:

"Nós, porém, temos a mente de Cristo." (1 Coríntios 2:16b)

Ter a "mente de Cristo" significa que, através do Espírito Santo, o cristão recebe a capacidade de pensar de acordo com a perspectiva de Cristo. Ele passa a ver o mundo, a si mesmo e a Deus sob uma nova ótica. Não se trata de ter onisciência, mas de possuir uma estrutura de pensamento renovada, que alinha seus valores, prioridades e decisões com os de Cristo. É essa mente transformada que permite ao crente compreender a sabedoria da cruz e viver de um modo que o mundo não pode entender.

5. O Confronto Direto: A Realidade da Igreja Carnal

Após descrever o ideal da pessoa espiritual que possui a mente de Cristo, Paulo faz uma transição abrupta e dolorosa. Ele aplica esses princípios diretamente à igreja de Corinto, e o diagnóstico é severo. Eles, que se consideravam espiritualmente avançados, são confrontados com uma realidade completamente diferente.

"Eu, porém, irmãos, não pude falar a vocês como a pessoas espirituais, e sim como a pessoas carnis, como a crianças em Cristo." (1 Coríntios 3:1)

Essa afirmação deve ter sido chocante. Paulo os chama de "irmãos", confirmando sua posição como crentes, mas imediatamente nega-lhes o status de "espirituais". Em vez disso, ele usa dois termos interligados: "carnais" e "crianças em Cristo". É crucial entender o que Paulo quer dizer com "carnal" aqui. Não se trata de uma categoria de crente que tem licença para viver em pecado deliberado, como algumas teologias sugerem. A Bíblia é clara ao afirmar que quem vive na prática do pecado não conhece a Deus.

Neste contexto, "carnal" é sinônimo de imaturidade espiritual. É o crente que, embora regenerado, ainda pensa e age sob a influência de "padrões humanos", da sua antiga natureza. Ele é uma "criança em Cristo", alguém que ainda não desenvolveu a capacidade de compreender as verdades mais profundas do evangelho e suas implicações. Sua visão de mundo, em certas áreas, continua sendo a do homem natural.

Para ilustrar essa condição, Paulo utiliza uma metáfora poderosa:

"Dei-lhes leite para beber, não pude alimentá-los com comida sólida, porque vocês ainda não podiam suportar. Nem ainda agora podem, porque vocês ainda são carnis." (1 Coríntios 3:2-3a)

O "leite" representa os ensinamentos básicos e fundamentais da fé. A "comida sólida" são as doutrinas mais profundas e as implicações da cruz para a vida diária. Paulo revela que a imaturidade

dos coríntios não era apenas uma fase inicial; era um problema crônico que persistia. Eles não haviam progredido. A raiz de todos os problemas daquela igreja – as divisões, a arrogância e os conflitos – era essa falha em amadurecer espiritualmente, em deixar de ser carnal para se tornar verdadeiramente espiritual.

6. As Evidências da Carnalidade: Ciúmes, Contendas e Partidarismo

Paulo não lança uma acusação tão séria sem apresentar provas irrefutáveis. Para os coríntios, que provavelmente se orgulhavam de manifestações espirituais como o falar em línguas, profecias e sinais, o critério de Paulo para a espiritualidade era radicalmente diferente. Ele aponta para o caráter e o comportamento deles como a verdadeira evidência de sua condição.

"Porque, se há ciúmes e briga entre vocês, será que isso não mostra que são carnis e andam segundo os padrões humanos?" (1 Coríntios 3:3)

A presença de ciúmes e contendas na comunidade era a primeira prova. Esses sentimentos e ações não são frutos do Espírito Santo, mas manifestações da natureza humana não submetida a Cristo. O verdadeiro teste da espiritualidade não estava nos dons espetaculares, mas na capacidade de viver em unidade, amor e humildade. A igreja de Corinto falhava nesse teste fundamental.

A evidência mais específica e contundente, que remete ao início da carta, era o partidarismo em torno dos líderes:

"Quando alguém diz: 'Eu sou de Paulo', e outro: 'Eu sou de Apolo', não é evidente que vocês andam segundo padrões humanos?" (1 Coríntios 3:4)

Este comportamento era um espelho da cultura secular da época, onde as pessoas se alinhavam a escolas filosóficas ou a oradores famosos. Ao formar facções dentro da igreja, os coríntios estavam importando um "padrão humano" para dentro do corpo de Cristo. Eles estavam agindo como o mundo age, não como aqueles que têm a mente de Cristo. Para Paulo, manifestações de dons espirituais não podiam coexistir com um espírito faccioso e carnal. A verdadeira obra do Espírito é glorificar a Cristo e unificar Sua igreja, não exaltar homens e criar divisões. Assim, o problema que abriu a carta é apresentado como a prova final de seu diagnóstico: eles eram, de fato, carnis.

Augustus Nicodemus. **07. Natural, espiritual e carnal (1Co 2.13-3.4)**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2HyWDOEmwso>. Acesso em: 28/08/2025.